

## **MONOGAMIA E CUIDADO: REFLEXÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DE MULHERES BRANCAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

ISADORA SIQUEIRA PEREIRA<sup>1</sup>; MANUELA OLIVEIRA DE MELO<sup>2</sup>; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI<sup>3</sup> CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – isadorapereira20022605@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – manumelobage@icloud.com

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro – giovana.luczinski@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Esse trabalho surge de um recorte da pesquisa Agora é Que São Elas: A pandemia contada por mulheres. O projeto foi criado no ano de 2020 e é uma parceria entre o curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Calçada em uma análise situada, a pesquisa surge com o intuito de se atentar às diversas realidades e às singularidades das mulheres no contexto pandêmico e seus desdobramentos para saúde mental. A partir do contato com os dados da pesquisa direcionamos nosso olhar para mulheres brancas que realizam o cuidado de outras pessoas, não são mães e tem renda individual de 1 salário mínimo.

O cuidado é definido como uma atividade essencial que envolve manter, consertar e reparar o mundo (TRONTO, 1993). A mesma autora afirma que o cuidado deve ser pensado como uma economia paralela, que apesar de invisibilizada, é fundamental para a manutenção da vida e da cultura humana (TRONTO, 2009). Aqui falamos do cuidado enquanto um trabalho não remunerado que recai majoritariamente sobre as mulheres, atravessando-as de maneiras distintas de acordo com classe, raça e sexualidade.

FEDERICI (2019) denomina de trabalho reprodutivo esse trabalho de cuidado que não produz mercadoria e que se mostra essencial para manter a máquina capitalista em pleno funcionamento. O trabalho reprodutivo não remunerado é sustentado pela instituição familiar, onde a mulher deve realizar este cuidado prático e emocional “por amor”, aumentando a sobrecarga e a exploração do trabalho (NÚÑEZ, 2023). Nesse cenário as mulheres brancas ainda possuem o privilégio de realizarem, majoritariamente, o cuidado de seus familiares e as mulheres negras seguem com maior frequência realizando o trabalho doméstico mal remunerado de outras famílias que não as suas (AFFONSO; FARIAS; LUCZINSKI, 2023).

A partir disso, observa-se que essa lógica de cuidado faz com que os investimentos afetivos de mulheres sejam direcionados a outros indivíduos e que o espaço e o tempo para o investimento em si seja muito reduzido ou inexistente (CUTER, 2024). É baseado nisso que questionamos: de que forma isso reflete na construção de suas subjetividades? E que sistemas sustentam essa lógica?

Em Descolonizando Afetos, GENI NÚÑEZ (2023), discute que o sistema capitalista, monogâmico e misógino é o principal responsável pelo acúmulo de tarefas atribuído às mulheres, impedindo que elas invistam em outras atividades, em lazer e em relações afetivas. De forma oposta, a não monogamia crítica atenta-se a uma redistribuição de tarefas de maneira coletiva. Tendo isso em vista, esse trabalho tem como objetivo problematizar a estrutura monogâmica, investigar de que forma ela ajuda na sustentação da imposição compulsória do cuidado às mulheres e como isso está presente nas vivências contadas por mulheres brancas e sem filhos durante a pandemia de COVID-19.

## 2. METODOLOGIA

Esse trabalho é um recorte ancorado na pesquisa Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres. Nessa pesquisa, foi realizado um questionário online disponível entre maio e junho de 2020 que contou com 30 perguntas, sendo 26 de múltipla escolha e 6 dissertativas, tendo questões com espaço para narrativas pessoais e outras que ajudassem a conhecer os marcadores sociais. Esse estudo foi submetido e obteve autorização pelo Comitê de Ética da UFPel (CAAE: 31203220.3.0000.5317). O questionário obteve 5.874 respostas ao total, e a partir delas, o grupo analisa, discute e produz conhecimento a partir das reverberações das narrativas nas pesquisadoras.

A escolha do recorte surgiu com o interesse de explorar as narrativas de mulheres não-mães que passaram a cuidar de alguém no período da pandemia de Covid-19. Foi feita uma análise das narrativas de 93 mulheres autodeclaradas brancas que responderam positivamente a estar cuidando de alguém<sup>1</sup>, negativamente a ter filhos e que possuem renda de 0 a 1 salário mínimo<sup>2</sup>.

A partir disso, o olhar direcionado às narrativas foi ancorado no método psicanalítico de pesquisa, que implica à produção de novas significações e a novos caminhos investigativos para a abordagem da subjetividade humana (SILVA; MACEDO, 2016, p. 522). A pesquisa trabalha com uma perspectiva interseccional, considerando que fatores como classe, gênero, orientação sexual, capacidade, etnia - entre outras - são inter-relacionados, se sobrepondo e funcionando de maneira unificada (COLLINS; BILGE, 2021). Nesse sentido, é importante demarcar o lugar de uma metodologia situada, partindo do pressuposto de que não há neutralidade na pesquisa científica, pois o caráter político, histórico-cultural e social das pesquisadoras está intrinsecamente ligado ao modo de produzir conhecimento (HARAWAY, 2009). Procurando romper com o caráter hegemônico de uma ciência universal, a pesquisa reconhece as fissuras e elementos subjetivos que atravessam a produção de conhecimento e busca utilizá-los como potencialidade na escrita.

Tendo em vista as leituras das narrativas elencadas, o tema do cuidado calcado nos vínculos afetivos salta aos olhos das pesquisadoras, sendo posteriormente relacionado com a monogamia na análise teórica. A partir da escuta situada dos relatos, consideram-se as repercussões coletivas e subjetivas das vivências dessas mulheres durante a pandemia de Covid-19.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o contato com as narrativas, uma temática nos chamou atenção: o exercício do cuidado diretamente vinculado com as relações sexo-afetivas e o âmbito privado do lar como cenário dessas práticas. Alguns relatos nos provocam a pensar essas questões aplicadas a materialidade da vida:

Foi na frente de uma fogueira que tomei coragem de dizer ao meu companheiro que não quero mais compartilhar uma vida cotidiana e doméstica com ele. Me sinto

---

<sup>1</sup>Você cuida de outros membros da família (que não filhos) durante a pandemia? (Cuidado tanto prático: alimentação, limpeza, remédios, etc; quanto emocional: escuta de relatos sobre situações de sofrimento ou violência, ajuda na resolução de problemas, apoio emocional...)

<sup>2</sup>R\$1.045 no período em que a pesquisa foi realizada

sobrecarregada e boicotada há anos num sentido doméstico e foi na quarentena que tomei coragem de separar nossas vidas diárias. O relacionamento segue como um namoro comum, mas agora o objetivo é cada um morar em sua casa própria. (participante 4278).

Partindo desse depoimento, articulamos nossa análise com NÚÑEZ (2023), que traz o mútuo fortalecimento entre monogamia e machismo na exploração do trabalho doméstico, tendo a heteronorma como elemento fundamental nesse sistema. GENI NÚÑEZ (2023) afirma que mulheres heterossexuais e bissexuais não prestam o serviço de feitura de alimentos, serviços de limpeza e afins a homens de modo indiferenciado, mas que esse benefício chega, sobretudo, a homens com quem essas mulheres têm vínculos de amor colonial monogâmico (ainda que esse serviço se estenda a outros homens cis).

Essa mesma estrutura que alicerça os vínculos afetivos-sexuais também acaba, inevitavelmente, se expandindo para relações além do casal, transpondo um ideal de família como centro do cuidado numa lógica familista. Posto que a ideia de família deriva de uma estrutura monogâmica, e que o divórcio significaria a “destituição” da família (NÚÑEZ, 2023), também podemos pensar o quanto a monogamia atravessa e sustenta as relações familiares e o cuidado exercido no lar, determinando relações de maternidade e paternidade, bem como moldando papéis sociais a partir dessas determinações.

Deste modo, a figura masculina se subjetiva em uma lógica egocentrada, favorecendo o investimento em si, enquanto as mulheres se subjetivam através do heterocentrismo, onde o investimento e, conseqüentemente, o cuidado do outro (marido, filhos e demais membros da família) ocupa lugar central (ZANELLO, 2022). Nesse sentido, é possível pensar o “dispositivo materno” proposto por ZANELLO (2022) como um dispositivo que subjetiva mulheres a partir de uma maternidade compulsória, colocando-as na posição de cuidadoras “natas”, atravessando também a vida de mulheres que não são mães, como podemos observar nos relatos:

Ser acordada bastante cedo pelo meu pai gritando coisas baseadas em fake news, reclamando de coisas feitas por mulheres na casa e tratando como empregada e inclusive dizendo que “é para isso que tenho mulher”. (participante 4348)

Meu companheiro não cumpre nem 1/3 das minhas necessidades e expectativas em relação às tarefas domésticas. (participante 427).

Para além da dimensão familiar, podemos pensar em uma estrutura econômica e estatal que sustenta esses moldes de cuidado a partir da monogamia. Nesse sentido, podemos pensar o neoliberalismo econômico como o alicerce da produção das formas como nos relacionamos e cuidamos. Na medida em que o estado trabalha a serviço do capital, eximindo-se das pautas que garantem a seguridade social, cabe ao indivíduo a missão irreal e idealizada da autossuficiência, aliado “com uma moralidade política que exige a responsabilidade individual ou que opera em um modelo de privatização do ‘cuidado’” (BUTLER, 2019). Desse modo, é importante localizar a pandemia como esse momento de solicitação mais intensa e contínua de cuidado, gerando uma sobrecarga sentida especialmente pelas mulheres (FARIAS, C. P.; CANAVÊZ, F.; GONDAR, J., 2023). Essas questões se manifestam na medida em que o social

invadiu mais intensamente os lares e, a favor das políticas neoliberais, as pautas do lar mascaram-se como problemas individuais, dificultando a visualização dos elementos políticos das relações interpessoais. Cabe destacar que mesmo as mulheres brancas estando subjugadas a essa lógica violenta e compulsória do cuidado, não podemos deixar de evidenciar que há privilégios ligados à branquitude como reconhecimento social e a possibilidade de cuidar da própria família. Tais privilégios não são desfrutados pela maioria das mulheres negras.

#### 4. CONCLUSÕES

A breve discussão temática permite perceber o quanto as relações de cuidado possuem um caráter gendrado e frequentemente concebido a partir das políticas afetivo-sexuais que se organizam com base na monogamia. As teorias que dialogam com o trabalho trazem uma problematização importante para repensarmos a forma como o cuidado é exercido por mulheres brancas e os elementos que alicerçam esse trabalho, como o neoliberalismo econômico e os vínculos afetivos derivados da monogamia e do familismo. Nesse sentido, os relatos das mulheres aproximam o debate ao campo material da vida e permitem uma complexificação do tema mais amplo da pesquisa, mostrando a dimensão social e modos de subjetivação aqui implicados.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFFONSO, L. C.; FARIAS, C. P.; LUCZINSKI, G. F. **O trabalho reprodutivo na pandemia: entre sobrevivência e sobrecarga**. Estudos de Psicologia (Natal), p. 172-183, 2023.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **O que é interseccionalidade?**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021. Cap. 1, p. 16-20.
- CUTER, I. **Fissuras de uma monogamia imposta: margens que se abrem para um desequilíbrio na balança de investimentos de mulheres brancas heterossexuais** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, 2024.
- FARIAS, C. P.; CANAVÊZ, F.; GONDAR, J. **Mulheres na pandemia: uma (re)leitura psicanalítica do cuidado**. Revista Tempo Psicanalítico, [S. l.], v. 55, p. 527-542, 2023.
- HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 2009.
- NÚÑEZ, G. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- SILVA, C. M. DA.; MACEDO, M. M. K.. **O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 36, n. 3, p. 520-533, jul. 2016.
- TRONTO, J. **Moral boundaries: A political argument for an ethic of care**. Routledge. 1993.
- ZANELLO, V. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba: Appris, 2022.